



Universidade de Aveiro
2012

Departamento de Comunicação e Arte

NUNO MIGUEL

A IMPROVISAÇÃO NOS GRAUS INTERMÉDIOS

DA SILVA MARQUES

DO ENSINO VOCACIONAL



NUNO MIGUEL

A IMPROVISAÇÃO NOS GRAUS INTERMÉDIOS

DA SILVA MARQUES

DO ENSINO VOCACIONAL

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Música , realizada sob a orientação científica da Doutora Helena Paula Marinho Silva de Carvalho, Professora Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

O júri

Presidente

Professor Doutor Vasco Manuel Paiva de Abreu Trigo de Negreiros
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

Professor Doutor Luís Filipe Barbosa Loureiro Pipa
Professor Auxiliar da Universidade do Minho

Professora Doutora Helena Paula Marinho Silva de Carvalho
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Agradecimentos

À Professora Helena Marinho pela sua orientação e dedicação, pela disponibilidade e pelos seus conselhos.

Aos participantes deste projeto educativo, sem eles não teria sido possível este estudo.

Aos meus pais e à minha família pelo constante e incansável apoio.

palavras-chave

improvisação, piano, ensino, estratégias

resumo

A improvisação, é uma competência poucas vezes abordada nos dias de hoje nas aulas de instrumento. Consideramos que é ainda assim uma ferramenta importante e subvalorizada que o professor de instrumento tem ao seu dispor para utilizar com os alunos. Este projeto educativo baseia-se na premissa de que a improvisação é uma ferramenta útil e uma competência fundamental para qualquer músico. Dessa forma, deve ser introduzida desde o início da educação musical de qualquer aluno. Assim, este projeto incidirá sobre a aplicação das ferramentas básicas da improvisação como o desenvolvimento auditivo, as capacidades de imitação, de compreensão de noções harmónicas e formais para aplicação com os alunos que participam neste projeto educativo. Analisaremos também os seus efeitos sobre esses alunos para avaliar o impacto do projeto no seu desenvolvimento musical.

keywords

improvisation, piano, teaching, strategies

Abstract

Improvisation is a skill that is not usually developed in instrumental lessons. It is an important and undervalued tool which the teacher has at his disposal to use with students. This project is based on the premise that improvisation is a useful tool and a fundamental skill for any musician and, as such, it should be introduced in the classroom as early as possible. Thus, this project versed on the application of the basic tools to learn improvisation, such as: the development of the aural ability, imitation, and understanding tonal and formal concepts. We will then analyse the impact that this project had on the participating students.

Índice

Índice.....	1
Introdução.....	3
Capítulo 1- Enquadramento Teórico.....	5
Capítulo 2- Métodos, Procedimentos e Materiais.....	11
2.1 Métodos.....	11
2.1.1 Caracterização da instituição.....	11
2.1.2 Caracterização dos participantes.....	11
2.1.3 Caracterização da professora cooperante.....	12
2.2 Procedimentos.....	13
2.2.1 Descrição geral das fases.....	13
2.2.2 Organização das sessões.....	17
2.2.3 Registo diário das sessões.....	17
2.2.4 Observação direta.....	17
2.2.5 Entrevistas com os alunos e professora cooperante.....	18
2.2.5.1 Guião da entrevista com os alunos.....	18
2.2.5.2 Guião da entrevista com a professora.....	18
2.3 Materiais.....	19
Capítulo 3- Resultados.....	23
3.1 Funcionamento das sessões:.....	23
3.2 Estratégias.....	26
3.3 Resultados a nível de competências.....	27
3.4 Entrevistas com os alunos.....	31
3.5 Entrevista com a professora.....	33
Conclusão.....	37
Bibliografia.....	41
Anexos.....	43
Diários.....	44
Partituras.....	72
Entrevistas:.....	76

Entrevista à aluna de 1º grau	76
Entrevista com a aluna de 3º grau	78
Entrevista com o aluno de 5º grau.....	79
Entrevista com a professora colaboradora	80

Introdução

A improvisação, sendo uma competência que não é frequente abordar hoje em dia nas aulas de instrumento é, ainda assim, uma ferramenta importante e subvalorizada que o professor de instrumento tem ao seu dispor para utilizar com os alunos. A improvisação ao longo da história da música foi sempre uma parte importante da execução instrumental apesar do declínio no contexto de educação instrumental desde o final do séc. XIX. Este declínio na prática da improvisação no contexto erudito tem sido contrabalançado pelo Jazz, que utiliza a improvisação como um dos seus principais recursos. Grandes compositores com J.S. Bach, Mozart, Beethoven ou Liszt eram conhecidos não só pelas suas composições mas também pelas suas improvisações. Nos dias de hoje, especialistas como Robert Levin, Gabriela Montero ou David Dolan destacam-se sobre os outros na improvisação ao piano, sendo considerados as figuras de proa de uma atividade rara e difícil mas que outrora foi considerada tão banal e necessária como saber tocar escalas ou arpejos no instrumento.

Este projeto educativo baseia-se na premissa de que a improvisação é uma ferramenta útil e uma competência fundamental para qualquer músico e que como tal deve ser introduzida desde o início da educação musical de qualquer aluno. A nossa convicção é a de que a improvisação é algo de simples e elementar desde que apresentada e ensinada da forma correta.

Assim, este projeto incidirá sobre a aplicação das ferramentas básicas da improvisação como o desenvolvimento auditivo, as capacidades de imitação, de compreensão de noções harmónicas e formais para aplicação com os alunos que participam neste projeto educativo.

Este projeto educativo tem como objetivo o estudo do impacto de diferentes elementos da improvisação nos alunos de piano de graus intermédios. Assim, pretende-se que os alunos desenvolvam através da improvisação, neste projeto educativo, o desenvolvimento auditivo, uma melhor compreensão da harmonia, das texturas e diferentes formas de acompanhamento, compreensão de noções de estrutura e forma, desenvolvam uma maior autonomia e um melhor controle do teclado através da compreensão e aquisição da competência da improvisação.

Este trabalho divide-se em três partes: o enquadramento teórico, onde exploramos a bibliografia existente sobre o assunto e discutimos as diferentes posições e visões dos principais autores sobre a improvisação; o 2º capítulo, que versará sobre os procedimentos, materiais e métodos utilizados, e onde faremos uma descrição e explicação dos mesmos; no 3º capítulo inclui a discussão dos resultados bem como a apresentação das entrevistas realizadas aos alunos e à professora cooperante.

Esta tese é, assim, a apresentação e discussão dos resultados obtidos numa experiência realizada com três alunos de níveis diferentes (1º, 3º, e 5º). Para estes projeto foi criado um modelo de aprendizagem da improvisação básica, dividido em sete passos. Este modelo foi depois aplicado aos alunos acima referidos e foram extraídas as conclusões e recomendações que aqui apresentamos.

Capítulo 1- Enquadramento Teórico

No decorrer da pesquisa para este projeto educativo, deparámo-nos com pontos de vista e abordagens à aprendizagem de uma competência como a improvisação de formas por vezes totalmente diferentes, segundo os autores estudados.

Não seria possível elaborar um projeto educativo desta natureza sem uma compreensão abrangente das diversas correntes no que toca à improvisação e ao seu ensino. A pertinência da bibliografia é, portanto um dos principais aspetos deste enquadramento teórico pois, para implementar o projeto, foi necessário identificar e compreender os principais autores sobre a matéria.

Uma parte importante da bibliografia consultada foi relativa ao tema da caracterização da improvisação, à procura de uma definição que nos pudesse ajudar a compreender melhor o que é a improvisação.

Kingscott e Durrant abordam uma importante questão: “será a improvisação uma competência ensinável ou apenas um fenómeno elusivo?” (Kingscott e Durrant 2010, 127)

Tentam responder à questão referindo que a improvisação “é algo que será dominado pelo tempo, através da imersão numa cultura musical e da prática. É um processo de aprendizagem, um equilíbrio entre o formal e o informal” (Kingscott e Durrant 2010, 127).

Em relação a abordagens à improvisação na educação, Kanellopoulos defende que a “improvisação não pode ser colocada num contexto de abordagens pedagógicas que exijam a clareza dos objetivos e que vejam o conhecimento e a aquisição de competências como um processo linear e progressivo” (Kanellopoulos 2007, 109).

Houvinen afirma que “simplesmente há mais métodos de improvisação no mercado do que estudos que analisem os seus efeitos” (Huovinen 2011, 83). Neste aspeto, Houvinen tem toda a razão uma vez que a proporção entre os métodos publicados e os estudos feitos é simplesmente avassaladora. Houvinen continua dizendo que “uma opinião comum em relação ao ensino da improvisação, e possivelmente a mais correta, é a de que as competências da improvisação são mais eficazmente potenciadas expondo o aluno a uma grande variedade de exercícios, atividades e situações onde se use essa competência, em vez de focar o aluno apenas num número limitado de exercícios”(Huovinen 2011, 83). Esta seria a situação ideal, expor os alunos a uma grande variedade de atividades e de música, que beneficiaria não só a

aprendizagem desta competência específica bem como a todo o processo de aprendizagem musical em geral. Nesta linha, “na educação musical ocidental a abordagem teórico-musical, que é a mais utilizada, coloca a sua ênfase em elementos tais como: escalas, arpejos, acordes e ritmos” (Huovinen 2011, 83). Huovinen propõe também uma nova abordagem ao ensino da improvisação: uma abordagem a que chama de Dramatúrgica. “Esta abordagem dramatúrgica consiste em trabalhar a pedagogia musical de uma forma que dependa menos de conceitos teóricos e mais em imagens holísticas, aspetos arquitetónicos da improvisação e ideias de expressão subjetiva” (Huovinen 2011, 84). O que o autor se refere aqui é ao facto de, na abordagem ao ensino da improvisação (e outras competências), ser dada muita importância à aprendizagem de pequenos elementos isolados, sem relação uns com os outros, e não num ponto de vista mais lato e abrangente.

Na mesma linha, Maud Hickey questiona: “para quê incluir a improvisação nas nossas escolas?” Esta é uma pergunta essencial, à qual a autora procura respostas no seu artigo. A autora defende a utilidade da aprendizagem da improvisação, argumentando que os alunos serão pensadores livres e improvisadores de uma forma que lhes será útil para o resto das suas vidas. A autora discorda da forma como se ensina esta competência nas escolas e defende uma abordagem mais livre. Sugere que se deve “tentar buscar um equilíbrio entre estrutura e liberdade nas nossas salas de aula de forma a motivar e inspirar os alunos” (Hickey 2009, 287) .

Abordando a origem e a causa do ensino da improvisação, Kanellopoulos diz-nos que o uso da improvisação em contextos de educação musical surgiu inicialmente como “uma reação ao autoritarismo reacionário que favorecia a competição, a educação elitista e venerava o ‘grande passado musical’ tendo como objetivo a educação dos génios e dos que buscavam a ‘grandeza através da música’” (Kanellopoulos 2007, 109). Dessa forma, lutando contra esse paradigma, surgiram as primeiras experiências com a improvisação em contexto de educação musical.

Kanellopoulos defende que para que a improvisação seja uma prática corrente e uma experiência positiva, os professores devem resistir à glorificação do passado e estar preparados para encarar as dificuldades do presente. Devem também confiar nos seus alunos desde o início e funcionar como colegas músicos e não como instrutores. Devem aprender a seguir as intenções musicais dos alunos e a preservar a abertura tanto nas ações musicais como nas próprias discussões (Kanellopoulos 2007, 100).

Claro está que esta abordagem necessita professores que estejam preparados e dispostos a uma abertura que não é comum. Mas os resultados, segundo o autor, são os mais positivos: a “improvisação musical pode ser uma forma de dar o poder às crianças e de dar um sentido e

um significado à sua relação com a música. E criar uma vida com sentido é um dos mais importantes objetivos da educação” (Kanellopoulos 2007, 100).

Complementando esta visão, Marshall argumenta que os alunos necessitam uma ampla experiência auditiva, um amplo repertório de padrões (para improvisar) e também que sejam criadas as condições para pensarem de forma diferente. É essencial criar um ambiente de sala de aula onde o pensamento divergente seja valorizado (Marshall 2004, 51). Norgaard reforça este pensamento: “O principal objetivo do ensino da improvisação deveria ser a criação de estruturas onde os alunos de todos os graus e idades aprendam a pensar como os músicos de alto nível” (Norgaard 2004, 122).

Também numa ótica de aprendizagem sequenciada Janeen Larsen (Larsen 1987, 21) dá-nos conta de um mito que envolve a improvisação: muitos pianistas creem que a improvisação é uma competência inata, que nasce conosco. Defende também que uma sequência estruturada de atividades (...) pode ajudar a combater as inibições que apresentam alguns pianistas.

O estudo e a prática da improvisação podem trazer vantagens, como o demonstram no seu estudo sobre a influência da improvisação no desenvolvimento do pensamento criativo nas crianças, Koutsoupidou e Hargreaves. Estes defendem a universalidade do ensino da improvisação a todo o universo de alunos de música. Mais, estes autores dizem-nos que “é importante dar a todas as crianças oportunidades de criar e desfrutar dos benefícios em termos do seu desenvolvimento social, psicológico e musical” (Koutsoupidou e Hargreaves 2009, 268). Demonstram-nos uma vez mais a importância da aprendizagem desta competência em alunos de todas as idades: “uma vez que o efeito da improvisação foi considerado como significativo para o desenvolvimento do pensamento criativo das crianças, a aula de música deveria ser um local de experimentação e exploração de ideias através de atividades criativas” (Koutsoupidou e Hargreaves 2009, 268).

Através da improvisação podemos desenvolver múltiplas competências. Segundo estudos realizados por P. Dru Davidson, a prática da improvisação ajuda ao desenvolvimento de competências como a leitura à primeira vista (Davidson 2010, 42). Hintz, no seu importante artigo *Helping Students master Improvisation*, conclui também que os alunos que desenvolvem competências como a improvisação possuem uma maior compreensão da música escrita e também das relações entre melodia e harmonia (Hintz 1995, 7).

Humphries argumenta que o facto de ser capaz de improvisar possibilita uma relação mais natural, imaginativa e emotiva entre o intérprete e os elementos estilísticos de uma composição e também uma compreensão mais profunda da forma e da estrutura de uma obra (Humphries 2009, 12)

Identificaríamos assim uma forma cuja ação se baseia principalmente em métodos de improvisação e em autores que defendem essa forma de aprendizagem baseada em exercícios sequenciados. Esta é a forma mais popular e estabelecida de ensino desta competência e na qual nos baseámos em grande parte.

Nesta forma de pensar a improvisação e a sua aprendizagem, encontram-se à cabeça os autores dos famosos métodos de improvisação (mais direcionados à música jazz) Chung e Thurmond. Estes autores, no seu livro que se tornaria um dos mais populares livros de exercícios de improvisação *Improvisation at the Piano* (Chung e Thurmond 2007), apresentam-nos a abordagem à improvisação através de uma série de exercícios, desde o mais básico, com uma nota só, até aos mais complexos, à base de acordes, inversões ou escalas e modos. Estes exercícios seguem uma estrutura sequenciada, iniciando com exercícios rítmicos sobre a nota dó, acrescentando-lhe posteriormente a oitava e alternando as duas notas. Passa também pelas escalas ensinando o aluno a utilizá-las para obter o máximo efeito na sua improvisação. A fase seguinte é sobre os acordes e a harmonia, trabalhando os diferentes tipos de acordes e as suas inversões. Posteriormente, os autores tentam integrar todos os elementos aprendidos até esse momento para uma improvisação mais completa.

Estes autores referem a abordagem à improvisação como uma forma que deve ser natural. Se podes falar, podes improvisar. Assim, os autores colocam a importante questão: porque é tão difícil improvisar? (Chung e Thurmond 2007, 1)

A resposta a esta pergunta é, para os autores, muito simples: improvisar requer o uso de uma parte diferente do cérebro, que deve ser desenvolvida (Chung e Thurmond 2007, 2).

Muitos outros autores e métodos aproximados aos de Chung e Thurmond foram estudados para este projeto educativo, mas nenhum tão completo como o referido.

Um dos casos mais paradigmáticos com o qual tivemos contacto foi com o eminente improvisador e pedagogo David Dolan. Com ele tivemos a oportunidade de trabalhar durante alguns anos, absorver o seu método e compreender o valor da improvisação. Para Dolan, sem a improvisação a música é uma série de eventos mais ou menos postos lado a lado (Dolan 1996, 13).

De facto, a grande fonte de inspiração para a criação do modelo de improvisação utilizado neste projeto educativo foi baseado no método de David Dolan. Este consiste em aprender a improvisar em vários passos, que são por exemplo diálogo musical, na improvisação em forma de minueto, em forma rondó, em forma prelúdio entre muitos outros.

Dolan faz uma ponte entre a forma de ensinar a improvisação através de exercícios sequenciados e uma forma mais livre e orgânica de compreender a improvisação.

David Dolan aborda também nas suas sessões a música popular, improvisando sobre ela e explorando-a harmonicamente. Para Dolan, citando as palavras de Padre Martini, a música escrita não é mais do que um esqueleto (Dolan 1996, 14).

Capítulo 2- Métodos, Procedimentos e Materiais

2.1 Métodos

Caracterização da instituição e dos participantes

2.1.1 Caracterização da instituição

A instituição onde se desenvolveu este projeto pedagógico foi a Companhia da Música-Fundação Bomfim em Braga. A Companhia da Música é um estabelecimento de Ensino Particular e Cooperativo especializado em música, em regime de paralelismo pedagógico, reconhecido pelo Ministério da Educação, e que conta com 580 alunos.

2.1.2 Caracterização dos participantes

Para este projeto educativo foram selecionados três alunos após consulta com a professora de instrumento cooperante. Esta escolha levantou algumas questões tais como o perfil dos alunos a escolher, idade, graus ou curso. Para maior diversificação dos resultados foram escolhidos os alunos desta professora com 10, 13 e 15 anos que melhor aproveitamento tinham tido à disciplina de instrumento no ano anterior. Em comum tinham o facto de nenhum ter tido contacto prévio com a improvisação e serem alunos do mesmo professor, o que visava facilitar a comunicação entre o autor do projeto e os alunos e também entre este e o professor de instrumento dos alunos em questão. Aplicando o mesmo modelo a três alunos de idades/graus/níveis diferentes pudemos assim melhor aferir a eficácia e pertinência do mesmo.

O participante nº 1, Maria, de 10 anos, frequenta o 1º grau do Curso Básico, tendo frequentado anteriormente o curso de Iniciação Musical. Estuda com a professora que cooperou com este projeto de investigação há 2 anos. Esta é uma aluna que evidencia facilidade e proficiência para o instrumento e também algum grau de domínio musical e técnico, segundo a apreciação da professora cooperante e como o comprovam as médias de 4 e 5 obtidas pela aluna à disciplina de Instrumento.

O participante nº 2, Rita, encontra-se no 3º grau do Curso Básico, estudando com a professora cooperante desde o 2º ano do curso de Iniciação Musical. É uma aluna dotada e experiente, segundo a sua professora de instrumento e as suas classificações. A aluna toca também violino, cursando em paralelo o Curso Livre de violino (com um nível equivalente ao 3º grau do Curso Básico).

Finalmente o 3º aluno, José, frequenta o 5º grau do Curso Básico. É aluno da professora cooperante desde o 1º grau. Este aluno tem-se distinguido no seu percurso escolar pelas suas excelentes notas e aproveitamento. O seu trajeto académico e artístico tem sido sempre pautado pela obtenção de bons resultados e de um bom nível pianístico, segundo informação da sua professora e tendo em conta as classificações obtidas no decorrer do da frequência do curso básico de instrumento.

Todos estes alunos têm em comum o facto de serem excelentes alunos no ensino regular e também no ensino artístico, obtendo regularmente elevadas classificações e prémios de mérito escolar.

2.1.3 Caracterização da professora cooperante

A professora cooperante deste projeto educativo é uma professora jovem, 31 anos, mas com muita experiência, contando com 9 anos de serviço. É uma professora com formação superior em piano e com formação específica no ensino da música (habilitação profissional). Esta professora distingue-se na escola onde foi realizado o projeto pelo facto de ter uma classe com um nível elevado, contando com excelentes alunos, como o comprovam as classificações obtidas anualmente pelos seus alunos nas provas internas da Instituição. Esta professora desempenha também o cargo de Coordenadora do Departamento de Teclas.

2.2 Procedimentos

2.2.1 Descrição geral das fases

Este projeto teve como base a aplicação de um modelo de improvisação baseado e adaptado do método de Chung e Thurmond, com uma das bases para a organização da sequenciação que criamos. A simplicidade dos passos apresentados neste método, a progressão estruturada, a divisão das competências a aprender (escalas, acordes, arpejos, motivos), fizeram com que organizássemos as fases deste projeto de uma forma aproximada à do método revisito.

Uma outra fonte primordial em que nos baseamos foi, tal como anteriormente discutido, o método de David Dolan. Tanto a fase de trabalho sobre as melodias populares como a de improvisar em diálogo, a quatro mãos, foram baseadas na nossa observação direta e experiência em primeira mão com esse pedagogo. Estes são recursos amplamente utilizados pelo pedagogo e improvisador. A aprendizagem das competências através de melodias populares fazem com que os alunos dirijam toda a sua concentração para a tarefa pedida e não para a melodia que tentam tocar. Também a forma de organizar as sessões através de jogos se baseou no modelo de David Dolan. Este pedagogo utiliza nas suas sessões exercícios de improvisação a quatro mãos e exercícios de diálogo de vozes que adaptámos para jogos adequados à faixa etária dos alunos deste projeto para acrescentar um fator de interesse aos exercícios.

Este modelo integrou as seguintes fases:

1. **Primeiro contacto com a improvisação.** No decorrer das primeiras sessões, os alunos tomaram o primeiro contacto com o conceito e noções de improvisação, sempre ao piano. Nestas primeiras sessões, foram introduzidos aos alunos pequenos exercícios de improvisação livre, exercícios de improvisação rítmica sobre uma nota só e exercícios de improvisação sobre um baixo *ostinato* com funções de tónica-dominante.
2. **Desenvolvimento do ouvido harmónico.** Para esta fase foi pedido aos alunos que trabalhassem sobre melodias populares infantis. A razão para a escolha das melodias populares infantis deveu-se ao facto de estas serem melodias familiares para os alunos. Foi pedido aos alunos que tocassem melodias infantis ao piano de ouvido e que as harmonizassem, acrescentando-lhes um baixo e posteriormente que as harmonizassem através de acordes, quando a sequência das funções harmónicas estivesse dominada.
3. **Aprofundamento do ouvido harmónico: transposições, acompanhamentos.** No sentido de continuar a aprofundar o desenvolvimento do seu sentido harmónico foi proposto aos alunos um exercício de transposição que consistiu em tocar a melodia popular, acompanhada por uma linha de baixo na mão esquerda, em várias tonalidades. Os alunos tocaram a melodia em dó maior, a tonalidade na qual aprenderam a melodia, e, em seguida, o professor pediu-lhes para tocar a melodia numa outra tonalidade, gradualmente mais distante de dó maior, aumentando o número de alterações e, conseqüentemente, o nível de dificuldade.
4. **Desenvolvimento da compreensão melódica e harmónica.** O seguinte passo consistiu no aprofundamento do desenvolvimento do sentido harmónico e melódico. Foi pedido aos alunos que efetuassem exercícios tais como tocar uma escala com a mão esquerda e cantar uma melodia improvisada. Foi pedido também aos alunos que tocassem uma progressão harmónica (dada pelo professor) e que cantassem uma melodia improvisada por cima dessa progressão. Este foi um exercício difícil mas que trouxe

grandes benefícios para os alunos uma vez que exigiu muita coordenação, memória e concentração.

5. **Improvisação a quatro mãos.** Uma vez desenvolvidas algumas competências fundamentais, sem as quais qualquer tentativa de improvisação se limitaria a um conjunto de notas com pouca ou nenhuma relação entre elas, tentámos improvisar a 4 mãos, professor e aluno. Este tipo de improvisação realizou-se com o professor no baixo, fazendo um *ostinato* ou uma repetição de uma progressão harmónica na mão esquerda e uma melodia na mão direita com a qual o aluno devia interagir. Este exercício desenvolveu-se ao estilo de pergunta-resposta. Uma vez que o grau de dificuldade deste exercício foi maior que os anteriores, não foi esperado que o aluno conseguisse improvisar as funções harmónica e melódica, acompanhando a melodia improvisada na mão direita com a mão esquerda. Assim, o que era esperado do aluno é que conseguisse interagir melodicamente (apenas com a mão direita) com o professor.

6. **Introdução ao conceito de forma e estrutura.** Numa fase mais adiantada, tentámos abordar a noção de forma na improvisação, introduzindo o conceito ABA. Primeiro tentámos improvisar sobre um pequeno motivo original, fosse ele rítmico, melódico, harmónico ou outro. Quando o aluno se sentia confiante a improvisar sobre esse motivo, tentámos analisar os elementos caracterizadores desse motivo, tentando compreender quantas notas tinha, que movimento tinha sido utilizado, ritmo, dinâmica ou articulação e, em seguida, criar um novo motivo que fosse completamente contrastante. Assim, quando o primeiro motivo era baseado num padrão rítmico, tentámos criar um padrão melódico. Se o primeiro motivo era *legato*, tentámos criar um motivo *staccato*, e assim compreender a noção de contraste.

7. **Improvisação sobre os conceitos aprendidos.** Quando o aluno absorveu estas noções de forma e contraste, tentámos então improvisar uma pequena peça na forma ABA. Esta peça foi composta apenas por duas ou três frases musicais, sendo que o objetivo não era a duração da obra ou até a qualidade da obra mas sim que o aluno se

encontrasse num ponto em que lhe fosse possível improvisar ao piano, com uma forma definida, fosse capaz de criar melodia e harmonia, ainda que rudimentares, mas que, principalmente, o conseguisse fazer de uma forma mais instintiva.

2.2.2 Organização das sessões

O projeto foi organizado em 13 sessões, aproximadamente duas por cada uma das seis primeiras fases e uma para a fase 7. Nestas sessões semanais, com a duração de aproximadamente 30 minutos cada, os alunos vinham individualmente à sala do autor do projeto para poder realizar as tarefas programadas para esse dia. A função da professora cooperante foi a de ir aferindo em paralelo o desenvolvimento dos alunos através do repertório interpretado durante o ano. Assim, a professora foi observando nas suas aulas de instrumento, e paralelamente discutindo com o autor deste projeto educativo durante o ano, o progresso dos alunos e a relação entre a evolução destes e a sua participação neste projeto.

2.2.3 Registo diário das sessões

Para este projeto foi utilizado um diário onde foram anotados durante e após cada sessão com cada aluno todos os aspetos relacionados com as atividades desenvolvidas. Este diário deu origem posteriormente a relatórios individuais por cada sessão/aluno.

2.2.4 Observação direta

A observação direta das sessões foi outro dos instrumentos primordiais utilizados neste projeto. Apesar de toda a preparação e planificação envolvidas neste projeto, muitas vezes houve a necessidade de adaptar e de moldar a sessão ao nível, idade ou competências dos alunos. Assim, a observação direta e adaptação imediata foram instrumentos importantes que foram usados no projeto educativo.

2.2.5 Entrevistas com os alunos e professora cooperante

No final das sessões foram realizadas entrevistas com os alunos envolvidos e também com a professora cooperante para melhor poder avaliar o impacto deste projeto no desenvolvimento musical dos alunos.

Estas entrevistas obedeceram a um guião previamente estabelecido que aqui apresentamos:

2.2.5.1 Guião da entrevista com os alunos

- O que aprenderam.
- Como se sentiam antes/depois do projeto em relação à improvisação.
- Integração das competências aprendidas no repertório.
- Pensa continuar a desenvolver esta competência no futuro?
- O mais/menos útil do que aprendeu.

2.2.5.2 Guião da entrevista com a professora

- Expectativas relativamente à participação dos seus alunos neste projeto.
- Benefícios trazidos pela participação dos alunos neste projeto.
- Aplicação das competências aprendidas no projeto no repertório dos alunos nomeadamente a nível de: leitura, transposição, compreensão de texturas, compreensão harmónica, compreensão da estrutura formal.
- Apreciação sobre a participação individual de cada aluno.
- Outros comentários

2.3 Materiais

Em seguida apresentaremos a tabela de materiais e objetivos utilizados em cada fase apresentada no capítulo 2.2.1:

Sessão	Materiais	Objetivos
1	Jogos de imitação sobre baixo <i>ostinato</i> a 4 mãos	-Desenvolver capacidade auditiva e de imitação
2	Improvisação sobre progressões harmónicas a 4 mãos	-Compreensão das cadências perfeitas -Desenvolver capacidade auditiva
3	<i>Come a papa, Joana</i> <i>Frère Jacques</i>	-Aprender músicas de ouvido -Compreender funções melódica e harmónica
4	<i>O Jardim da Celeste</i> <i>Papagaio Loiro</i>	-Aprender músicas de ouvido -Compreender funções melódica e harmónica
5	<i>O Jardim da Celeste</i> <i>Papagaio Loiro</i> <i>Come a papa, Joana</i> <i>Frère Jacques</i> (com acompanhamento pela mão esquerda)	-Aprender músicas de ouvido -Compreender funções melódica e harmónica
6	<i>Come a Papa, Joana</i> (transposição)	-Compreender noção de transposição -Conseguir transpor instantaneamente
7	<i>O Jardim da Celeste</i>	-Compreender noção de

	<p><i>Papagaio Loiro</i></p> <p><i>Come a papa, Joana</i></p> <p><i>Frère Jacques</i></p> <p>(com acompanhamento pela mão esquerda e transposição)</p>	<p>transposição</p> <p>-Conseguir transpor instantaneamente</p>
8	Progressões harmónicas para a mão esquerda	-Compreensão das funções harmónicas em tonalidades maiores
9	Progressões harmónicas menores	-Compreensão das funções harmónicas em tonalidades menores
10	Progressões harmónicas e improvisação de motivos a 4 mãos	-Compreensão das funções harmónicas -Desenvolver capacidade auditiva
11	Progressões harmónicas menores a 4 mãos	-Compreensão das funções harmónicas -Desenvolver capacidade auditiva
12	<p>Jogos de imitação</p> <p>Progressões harmónicas com utilização de dinâmicas e articulações</p>	-Desenvolver capacidade auditiva e de imitação -Recursos estilísticos
13	Improvisação em forma ABA	-Compreensão da noção de forma e estrutura -Improvisação com forma

Estes materiais foram selecionados pelo autor, após uma análise dos principais métodos e literatura existente sobre improvisação. As melodias tradicionais infantis, por exemplo, foram transcritas pelo autor baseadas no método de improvisação de David Dolan com quem tivemos o privilégio de trabalhar durante 4 anos. Durante esse período pudemos aprender em primeira mão aquilo que é a base do seu método e forma de pensar, o desenvolvimento do ouvido harmônico e a compreensão do estilo.

A escolha das progressões harmônicas foi baseada no método de David Dolan mas também nos métodos dos autores mencionados na revisão bibliográfica. Na sua maioria são extremamente simples, à base de cadências perfeitas, que possibilitam aos alunos criar referências auditivas sobre aspectos fundamentais da harmonia utilizada na música ocidental.

Capítulo 3- Resultados

Neste capítulo apresentaremos e discutiremos os resultados obtidos pelos alunos categorizados em itens individuais para uma melhor compreensão da evolução dos alunos. Apresentaremos três grandes grupos onde se inserirão as subcategorias. Os grupos são: o funcionamento das sessões, estratégias utilizadas e as competências adquiridas.

Serão também abordadas as entrevistas realizadas com os alunos e com a professora cooperante onde que poderemos analisar alguns dos comentários destes sobre o projeto no qual participaram.

3.1 Funcionamento das sessões:

As sessões decorreram com um bom ritmo. Não tendo anteriormente tomado contacto com a improvisação, foram necessárias algumas sessões para que os alunos começassem a ter uma visão diferente do que, à partida, consideravam como difícil e inacessível. Assim, feitas as apresentações, os alunos foram tomando contacto com o professor, começando a conhecê-lo e a tentar compreender os objetivos que norteariam as sessões.

Os guiões foram seguidos com cada aluno, mantendo sempre a mesma estrutura. Aliás, o objetivo desta experiência seria constatar a evolução dos diferentes alunos empregando a mesma estrutura e abordagem, para compreender a que nível chegariam no final.

Todos os aspetos relacionados com as sessões, comentários, observações foram anotados no diário pelo autor do projeto. Este diário das sessões foi a base para a realização deste documento de apoio ao projeto educativo, pelo que cabe realçar a sua importância.

As primeiras sessões foram também o primeiro contacto dos alunos com outro professor de piano, diferente daquele a que estavam habituados, e a novos conteúdos programáticos, totalmente desconhecidos para eles. Os alunos revelaram também alguma confusão quanto ao facto de não haver uma resposta "certa", não haver uma partitura, algo que seguir, e ao facto de terem de confiar no seu ouvido e na sua memória para conseguirem tocar uma melodia de princípio a fim.

Sendo a improvisação uma vertente desconhecida da música para estes alunos, foi especialmente interessante observar a evolução da sua atitude, da sua abordagem ao projeto, a sua motivação e a sua conduta ao longo de todas as sessões. As expectativas que apresentavam, a receptividade, a abertura à aquisição de novas competências, todos estes fatores foram quase tão importantes como a aquisição de conhecimentos para este projeto educativo.

A recolha de dados fez-se mediante a observação direta na sessão, o registo dos dados no diário e também através da troca de impressões com a professora de instrumento dos alunos. Foram contempladas categorias tais como a receptividade dos alunos, o grau de entusiasmo com o qual desempenhavam a tarefa, a realização ou não dos trabalhos pedidos para casa, e os resultados obtidos.

A aluna do 1º grau foi inicialmente a menos receptiva à improvisação e a este projeto. Não compreendendo bem o que tinha que fazer, habituada a direções e instruções muito precisas, quer por parte da professora de piano, dos professores do ensino genérico e até dos encarregados de educação, esta aluna apresentou algumas dificuldades de adaptação ao início.

A aluna estava claramente perdida nas primeiras sessões. Toda a questão dos jogos de imitação, de tocar melodias populares de ouvido, sem uma partitura em que se apoiar, de não haver uma atitude tão direta por parte do professor em relação ao que a aluna fazia, tudo isto lhe causou alguma estranheza e confusão ao início.

A aluna recusava-se a cantar nas primeiras sessões, o que causou algumas dificuldades pois um dos passos para tocar as melodias populares era precisamente cantá-las em primeiro lugar. A aluna foi-se gradualmente abrindo aos novos conteúdos, ao professor e à improvisação. A sua confiança foi também crescendo à medida que foi compreendendo o que tinha que fazer, que ia realizando os exercícios e cumprindo os objetivos.

A meio do projeto a aluna mostrava-se extremamente motivada, contente por vir para as sessões, realizando sempre com boa atitude tudo o que lhe era pedido, e empenhando-se a fundo para poder cumprir as tarefas. No final do projeto, esta foi a aluna em quem notámos uma maior mudança de atitude. Nessa fase a aluna queria não só tocar os exercícios preparados para essa sessão como também o repertório de piano que levava para a aula de instrumento e até músicas que tinha aprendido de ouvido de escutar no rádio ou em MP3. Esta atitude satisfez-nos bastante, uma vez que esse era precisamente um dos propósitos

deste projeto: que os alunos perdessem o medo de tentar algo novo, de desenvolver novas competências e, sobretudo, de utilizá-las.

Nos exercícios de transposição, a aluna de 1º grau foi uma surpresa. A fase inicial do projeto foi um pouco difícil para ela, aparentando alguma desorientação e confusão. No entanto a sua motivação foi melhorando à medida que compreendia melhor os conteúdos e objetivos das sessões e do projeto. Foi assim, uma curva em crescendo, desde a primeira sessão até à última.

A aluna de 3º grau, por sua vez, teve uma atitude diferente da aluna de 1º grau. Mais recetiva desde o início, a aluna realizou sempre as tarefas e exercícios com uma boa atitude, desde a primeira sessão. Mostrou sempre muito interesse no que estava a fazer e interesse na improvisação. Apesar de não compreender totalmente ao início qual era o objetivo das sessões, o que estava ali a fazer, como era suposto estar e como se deveriam desenrolar as aulas, a aluna mostrou sempre uma abertura e disponibilidade excelentes.

Foi realizando as tarefas com algum grau de facilidade e desenvoltura que fizeram com que a sua autoconfiança crescesse. Este fator foi fundamental para o bom desenrolar das sessões.

O facto que cabe realçar aqui é o de a atitude e motivação da aluna terem sido constantes desde a primeira sessão até à última. A aluna gostou da experiência, tendo-o demonstrado em diversas ocasiões.

Quanto ao aluno de 5º grau, teve uma atitude inversa à aluna de primeiro grau. Inicialmente aberto e disponível para as sessões e para os exercícios realizados, foi perdendo o interesse e a motivação e a sua atitude foi-se transformando desde o início até ao final das sessões.

Nas primeiras sessões o aluno realizava com bastante facilidade todos os exercícios pedidos, sem grande preparação, de uma forma quase instantânea. Quando iniciámos os exercícios sobre as melodias populares o aluno manifestamente perdeu algum interesse. Além deste fator, o facto de lhe ser pedido cantar algumas vezes antes de tocar as melodias populares fizeram com que o aluno se fechasse. Foi então mudada a estratégia e foi deixado de pedir ao aluno que cantasse.

Com os exercícios de transposição, o aluno recuperou novamente alguma motivação mas à medida que íamos avançando nos conteúdos e estes se tornavam mais complexos e o aluno não conseguia resolvê-los nas primeiras tentativas, desmotivava-se e perdia algum interesse.

Assim, os três alunos que participaram neste projeto educativo tiveram graus de motivação bastante diferentes. Podemos concluir que a aluna de 3º grau foi a aluna com uma atitude e nível de motivação mais constante. Sempre com disponibilidade para as tarefas propostas, realizando-as com alguma facilidade, empenhando-se quando não conseguia atingir os objetivos, esta aluna teve um trajeto constante e, diríamos, irrepreensível desde o início até ao final.

A maior surpresa foi a do aluno de 5º grau. Com um excelente início, este aluno, pensávamos nós, prometia bastante. As tarefas não eram demasiadamente complicadas para ele, conseguia superar as dificuldades rapidamente. No entanto a sua motivação foi-se perdendo, quer porque o interesse nos conteúdos não fosse muito, quer porque o facto de as tarefas se irem complicando e não as conseguir realizar à primeira tentativa o fizesse de alguma forma perder interesse.

3.2 Estratégias

A primeira aula, para todos os alunos envolvidos, começou com um jogo de imitação entre o aluno e o professor. Este foi um bom método de iniciar a nossa abordagem ao assunto, uma vez que, desde o início, marcaria o ritmo do que iríamos fazer: desenvolver a capacidade auditiva, aprender a ouvir e imitar, não seguir uma partitura mas sim uma ideia mental e/ou auditiva.

Um outro exercício baseado no mesmo molde, mas com uma pequena variante, foi o de tocar uma pequena melodia ou motivo sobre uma sequência de acordes tocados pelo professor. A sequência utilizada foi de funções harmónicas I-V-I, e teve como objetivo habituar o aluno às cadências perfeitas e a tocar pequenos motivos sobre elas. Uma tarefa básica para o aluno mais velho mas que requereu algum esforço à mais nova das alunas.

Uma variante a estes exercícios, normalmente em tonalidades maiores, foi a introdução a tonalidades menores. Iniciamos o trabalho com dó menor, I-V-I novamente, com os alunos a terem que cantar pequenos motivos nesta tonalidade, sobre os acordes. Não estando habituados a tonalidades menores nestes exercícios, este foi um desafio extra a superar.

Novamente a aluna mais nova teve alguns problemas em adaptar-se à tonalidade, sendo que os outros dois alunos apresentaram um maior grau de facilidade para realizar o exercício.

Passada esta fase, foi pedido então aos alunos que, utilizando a mesma progressão harmónica em dó maior, tocassem pequenos motivos improvisados com a mão direita. Utilizando também o IV grau, os alunos passaram a improvisar sobre a progressão I-IV-V-I.

Nesta tarefa a aluna que melhores resultados obteve foi a aluna de 3º grau. A aluna de 1º não conseguia encadear sequências lógicas e o aluno de 5º grau confundia-se também quando conseguia improvisar três motivos seguidos, perdendo a concentração depois de algumas tentativas.

Foi também abordada a improvisação dentro da forma ABA. Com frases muito simples e com a ajuda do professor, sempre a quatro mãos, foi introduzido o conceito de forma, e foram realizadas algumas tentativas para improvisar motivos/frases contrastantes, tanto harmonicamente como em termos de dinâmicas, articulação ou fraseado. Esta é já uma tarefa com um elevado grau de complexidade para estes alunos, sendo que as alunas de 1º e 3º graus não a conseguiram realizar. Quanto ao aluno de 5º grau, conseguiu de uma forma muito básica e simples criar dois motivos diferentes e encadeá-los para utilizar a forma ABA, ainda que com alguns problemas.

O último exercício a ser realizado nestas aulas foi de improvisação livre, à escolha do aluno, e sem a ajuda do professor. Os alunos tiveram algumas dificuldades na realização deste exercício, revelando não estarem ainda completamente preparados para realizá-lo sozinhos. O aluno de 5º grau conseguiu alguns resultados positivos, uma improvisação muito simples mas que demonstrou que tinha absorvido os conceitos trabalhados ao longo de todas as sessões. A aluna de 3º grau baseou a sua improvisação numa pequena variação sobre a mesma frase e o mesmo acorde e a aluna de 1º grau foi muito inconsistente nesta tarefa, não conseguindo levá-la a cabo com um grau mínimo de continuidade e lógica.

3.3 Resultados a nível de competências

Ao longo das primeiras sessões fomos trabalhando sobre exercícios de imitação, com os objetivos acima descritos. Os alunos responderam bem a estes exercícios que consistiam em tocar a quatro mãos, o professor nos graves e o aluno nos agudos. O professor tocava um baixo *ostinato* com a mão esquerda e pequenos motivos com a mão direita e o aluno tentava imitar os motivos anteriormente tocados. Uma variação deste exercício consistia em o professor tocar o baixo *ostinato* mas desta vez o aluno criava os novos motivos e o professor

imitava os motivos tocados pelo aluno. Ao fim de algum tempo era pedido aos alunos que não olhassem para o teclado e apenas imitassem recorrendo ao ouvido e à memória auditiva.

Os alunos revelaram alguma surpresa e até algum desconcerto quando lhes foi proposto tocar a melodia *Come a Papa, Joana*. A aluna mais nova dos três foi a que teve maior dificuldade em cumprir esta tarefa de início. O aluno mais velho realizou-a sem qualquer problema, com evidente facilidade, e a aluna de 3º grau conseguiu tocar a melodia com apenas algumas tentativas. Foi depois introduzido o elemento do acompanhamento na mão esquerda. Com apenas duas notas, a nota fundamental dos acordes da tónica e da dominante, os alunos tinham que integrar essas notas na melodia e acompanhá-la harmonicamente. Uma vez mais, a ordem de dificuldade sentida pelos alunos foi crescente do mais velho para a aluna mais nova. Estando já prevista essa situação, foram arranjadas estratégias para contornar as dificuldades, tais como exercícios alternativos de cantar a melodia e acompanhar com a mão esquerda ou ser o professor a tocar a melodia, entre outros.

Foram realizados os mesmo exercícios com as melodias *O Jardim da Celeste*, *Papagaio Loiro* e *Frère Jacques*. Para ir aumentando o grau de dificuldade foram introduzidos os acordes dos graus I, IV6/4 e V6/5 na posição fixa. De realçar a facilidade com que realizava todos os exercícios o aluno de 5º grau, o progresso constante da aluna de 3º e, apesar de apresentar algumas dificuldades, o enorme progresso da aluna de 1º grau.

Transposição

Quando foi verificado, após algumas sessões decorridas, que os alunos realizavam já as tarefas anteriores com algum grau de proficiência, passamos ao nível seguinte: a transposição das melodias/acompanhamentos.

Foi desenvolvido o mesmo processo: melodia simples, acompanhamento com uma nota, com acorde em posição fixa, e acompanhamento com baixo de Alberti. Inicialmente foram pedidas transposições sem preparação prévia para as tonalidades de sol e ré maior (até esse momento todas as melodias eram tocadas em dó maior), seguindo a ordem do ciclo de quintas. Uma vez compreendido o processo, a aluna de 1º grau conseguiu, com a forma de acompanhamento mais simples, chegar até à tonalidade de si maior. A aluna de 3º grau conseguiu transpor a melodia/acompanhamento para várias tonalidades, incluindo tonalidades com bastantes sustenidos ou bemóis e formas de acompanhamento mais complexas. O aluno de 5º grau conseguiu integrar não só a versão mais complexa do acompanhamento como também tocar

as melodias/acompanhamentos em todas as tonalidades maiores, seguindo o ciclo de quintas. Uma vez compreendido o sistema com as primeiras tonalidades, foi uma tarefa simples para o aluno conseguir tocar a obra noutras tonalidades.

Coordenação motora e vocal

Após os exercícios de desenvolvimento auditivo voltámos ao exercício proposto nas primeiras sessões: melodia sobre o acompanhamento harmónico I-V-I. Desta vez com uma variante: os alunos deveriam tocar a progressão harmónica com a mão esquerda e cantar uma melodia improvisada. Esta tarefa trouxe alguns problemas acrescidos aos alunos, tais como a coordenação voz/mão, a compreensão da tarefa e também a superação de alguns complexos em relação ao canto, uma vez que estes alunos são pianistas e não estão habituados a cantar. Superada a fase inicial de algum acanhamento e mesmo vergonha, os alunos compreenderam que esta era uma tarefa que os ajudaria a progredir e avançar nas suas competências, e foram lentamente superando os problemas que tinham.

A parte vocal foi evoluindo de notas longas para motivos mais pequenos, cada vez melhor ajustados ao acompanhamento e com mais relação entre si. O aluno mais velho, uma vez mais, superou com facilidade o exercício mas sem nenhum aspeto a destacar. A aluna de 3º grau foi-se destacando pelo seu progresso constante e pela melhoria notória da qualidade e sequências dos motivos.

Passada uma primeira fase de canto/mão esquerda do piano, passámos a improvisar a quatro mãos, tocando o professor a parte da mão esquerda e o aluno pequenos motivos, tal como quando cantava. De novo, no início da atividade foram sentidas dificuldades pelos alunos mas, com algum trabalho e insistência, foram sendo superadas as dificuldades.

Utilização de dinâmicas e articulações na improvisação

Um dos últimos exercícios realizados no âmbito deste projeto educativo foi uma improvisação a quatro mãos onde o professor tocava uma progressão harmónica em baixo de Alberti, com a mão esquerda e uma melodia improvisada com a mão direita, melodia à qual os alunos

deveriam "responder" no mesmo estilo, com o mesmo tipo de articulação, com o mesmo tipo de dinâmicas utilizadas e com o mesmo fraseado. Os alunos desempenharam bem esta tarefa: estando já há aproximadamente dez semanas a trabalhar constantemente sobre estes exercícios, tinham já um grau de domínio e de facilidade notórios, quando comparados com os resultados do início do trimestre. O recurso a elementos estilísticos tais como mudanças de articulação e de dinâmicas foi aplicado mais na base da imitação do que ativamente procurando alterar e mudar qualquer aspeto. Ainda assim, a aluna de 3º grau foi a que mais conscientemente procurou realizar esta tarefa, com um grau moderado de sucesso.

3.4 Entrevistas com os alunos

No final deste projeto foram realizadas entrevistas com os alunos envolvidos para melhor poder aferir e compreender a sua posição em relação à participação neste projeto. Uma das dificuldades que se colocou foi a relutância dos alunos em falar para uma gravação. Devido ao facto de serem alunos de um outro professor que não o autor do projeto educativo os alunos não se sentiram completamente à vontade nestas entrevistas o que as tornou mais curtas do que o previsto.

O que aprenderam

Em comum há o facto de os três alunos concordarem em que aprenderam algo de novo, uma competência nova e diferente de tudo o que até aí tinham aprendido. A aluna mais nova demonstrou o seu entusiasmo por ter aprendido esta nova competência e concluiu que realmente tinha aprendido muito no decorrer deste projeto. A aluna considerou que “tinha o ouvido fraquinho e o Prof. treinou-o fazendo exercícios”. Na opinião desta aluna o principal que aprendeu nestas sessões foi a “treinar o ouvido”. A aluna de 3º grau mostrou uma opinião em concordância com a aluna de 1º grau, realçando o facto de ter aprendido a “compreender melhor as tonalidades”. O aluno de 5º grau manifestou que a competência desenvolvida nestas sessões era nova, considerando que o principal que tinha aprendido tinha sido a “improvisar com a mão direita, variações e acompanhamentos com a mão esquerda”.

Como se sentiam antes/depois do projeto em relação à improvisação

Os três alunos manifestaram que ignoravam por completo a improvisação antes de iniciar este projeto. Os três concordaram também que ao embarcar no projeto tinham alguma curiosidade e expectativa em relação ao que teriam que fazer/aprender. A aluna de 1º grau pensava que “seria mais uma aula de instrumento onde tocava o repertório normal”, a aluna de 3º grau manifestou que “pensou que poderia ter algum interesse”.

No final do projeto todos se sentem mais capazes e sobretudo que aprenderam algo de novo que algumas semanas antes não sabiam sequer que existia.

Após o projeto todos os alunos sentem que foi uma experiência positiva e, nas palavras da aluna de 3º grau, “tirou proveito do que aprendeu”.

Integração das competências aprendidas no repertório

Um facto curioso foi o de quando lhes ter sido feita esta pergunta os alunos não saberem imediatamente responder mas que, pensando retrospectivamente, terem chegado a algumas conclusões.

A aluna de 1º grau afirmou que “nas audições não se baralha tanto” pois tem “melhor ouvido para saber se está bem” o que está a tocar.

A aluna de 3º grau declarou que o facto de poder descobrir uma melodia de ouvido a tinha ajudado a memorizar melhor as peças que tocava do repertório habitual, nomeadamente na obra de J. S. Bach. A aluna tinha-se apercebido que memorizava sem tanto esforço e muito mais rapidamente. Afirmou também que tinha compreendido melhor através das tarefas realizadas o acompanhamento da sua Sonata (baixo de Alberti). Um facto interessante foi a aluna ter chegado à conclusão de que, quando se enganava durante a execução de uma obra “conseguia cobrir o erro, por conhecer a tonalidade em que estava, os tempos e que conseguia improvisar para disfarçar o erro.”

O aluno de 5º grau concluiu que “consegue corrigir mais facilmente” especialmente as partes harmónicas.

Pensa continuar a desenvolver esta competência no futuro?

Dos três alunos envolvidos no projeto, a única que afirmou taxativamente que iria continuar a utilizar as competências aprendidas até então foi a aluna de 3º grau. Apercebeu-se da grande utilidade do que tinha aprendido, e mostrava-se contente por ser capaz de conseguir ouvir uma música e tocá-la no piano sem recurso a partituras. Concluiu que iria continuar a desenvolver pelo menos esta parte de tudo o que tinha aprendido.

Os restantes alunos concluíram que, dada a oportunidade de participar num projeto parecido, gostariam de continuar a desenvolver a improvisação mas que de uma forma espontânea e por ação própria não o fariam.

O mais útil do que aprendeu

Para a aluna de 1º grau, o mais útil, como foi já referido foi o facto de ter aprendido a tocar melodias/acompanhamentos de ouvido pois “até aqui tocava apenas músicas com partituras”.

A aluna de 3º grau afirmou que o mais útil para ela tinha sido o facto ter compreendido, nos acompanhamentos, a transição de nota fundamental do baixo/acorde/ornamentação (baixo de Alberti) e a transpôr. Para esta aluna o menos útil foi o exercício de cantar/tocar com a mão esquerda.

Para o aluno de 5º grau, o mais útil foi o facto de ter aprendido a transpor melodias em várias tonalidades, “a acompanhar com vários graus e a decidir que acompanhamentos fazer”.

3.5 Entrevista com a professora

A professora dos três alunos demonstrou o seu entusiasmo e apreço por esta experiência. Referiu que a participação dos alunos neste projeto tinha superado as suas expectativas. Na sua opinião, os três tinham dado um salto qualitativo quanto a aspetos de desenvolvimento auditivo, estavam mais desvoltos, tocavam as obras do repertório clássico com um maior nível de desenvoltura e proficiência. A professora fez uma menção especial às alunas mais novas, em quem tinha notado uma maior diferença, sobretudo a nível de interesse, compreensão estilística e um outro nível de atenção a detalhes que até esse momento não tinham apresentado.

A Professora referiu que todos “tinham evoluído a nível da leitura e conseguiram melhor conciliar a informação que estava na partitura e transcrevê-la melhor para os dedos, nomeadamente a nível de cadências, progressões harmónicas, e perceber essa informação”.

Expectativas

As expectativas da Professora no início do projeto educativo eram moderadas, considerando que seria positivo a “nível cognitivo e a nível digital” mas que após o final do projeto “o resultado foi muito melhor pois a evolução foi muito grande”

Para a Professora destaca-se a participação da aluna de 1º grau principalmente “a nível de leitura e de percepção musical”

Progresso dos alunos

Foi notado pela Professora cooperante “muita evolução dos alunos mesmo a tocar e a ler, pois estes sentiam-se muito mais à vontade”, identificando mais facilmente cadências, paragens, repetições ou padrões. Também na “realização de exercícios técnicos como escalas e arpejos, foram mais fáceis de compreender”.

“Principalmente nas obras barrocas o trabalho realizado foi útil pois principalmente Bach é um compositor difícil para os alunos compreenderem e o trabalho desenvolvido foi muito positivo. A sua percepção foi muito mais rápida e conseguiram também chegar mais rapidamente ao objetivo”. A nível de estudos técnicos “foi muito mais fácil tocá-los rápido e também a leitura foi muito mais rápida”.

Benefícios

Quanto aos benefícios trazidos pela participação neste projeto e fazendo um comentário individual a cada aluno, para a Professora a aluna que mais beneficiou foi claramente a aluna de 1º grau. “Foi muito positivo conseguir tirar melodias populares de ouvido e foi uma motivação para trabalhar mais e ouvir mais música”. “Esse tipo de trabalho também a ajudou na memorização das obras.”

A aluna de 3º grau “teve uma evolução mais linear (...) mas já houve outro tipo de competências que conseguiu melhorar”. Estando a trabalhar uma Sonata, a aluna “mais facilmente compreende o acompanhamento e consegue à primeira vista reconhecer padrões. Tendo também trabalhado a forma ABA a sua percepção da forma sonata foi melhor facilmente reconhecendo as partes diferentes”.

No aluno de 5º grau foi notada uma grande evolução pois “conseguiu alcançar níveis de compreensão diferentes dos outros alunos e ele próprio ainda hoje refere como o trabalho foi positivo”. A Professora referiu também que este tinha evoluído também sobretudo no plano analítico no que diz respeito à compreensão de forma e estrutura das obras. Foi notada uma

grande evolução “em termos de percepção das obras que está a tocar e isso ajudou-o a aprender mais rapidamente essas obras”.

Utilidade das competências aprendidas

Quando perguntada sobre a utilidade da improvisação a Professora referiu que “sendo desenvolvido trabalho extra na improvisação, diferente das aulas de instrumento, é muito positivo e a sua participação fez com que conseguissem ultrapassar a dinâmica da aula de instrumento” acrescentando novos elementos.

Estrutura do projeto

Em relação à estrutura do projeto foi a Professora referiu que “dado que a minha opinião em relação a este projeto é muito positiva, penso que se poderia estender a duas vezes por semana ou inclusive poder-se-ia apresentar um projeto à Direção Pedagógica e apresentar o projeto como uma oferta de escola, sendo um complemento importante e uma mais-valia ao desenvolvimento pianístico dos alunos”.

Notas finais

Assim, agradeceu a possibilidade da participação dos seus alunos e disponibilizou-se para organizar um workshop com a sua classe para que outros alunos pudessem também tomar contacto e beneficiar das vantagens da improvisação.

Conclusão

Este projeto educativo teve como objetivo testar um modelo de iniciação à improvisação ao piano. A escolha do modelo baseou-se em dois pontos de partida: a literatura revista no 1º capítulo, todos os manuais revistos, os métodos apresentados, e a experiência em improvisação do autor deste projeto. Tentou-se portanto elaborar um modelo baseado na síntese de alguns métodos e da aportação de detalhes e contribuições para tornar estes passos o mais completos possível.

A escolha deste tema criou alguns problemas à partida, nomeadamente: que alunos escolher, que faixa etária, todos do mesmo grau, alunos de graus diferentes, alunos de curso básico, complementar. Finalmente, decidimo-nos por aquilo que pensamos ser a melhor opção, tendo em vista a diversificação dos resultados e a obtenção de conclusões. Escolhemos um aluno de 1º grau, um de 3º e um de 5º. Aplicando o método criado a três alunos de diferente nível pudemos melhor aferir os pontos fortes e os pontos a melhorar deste modelo através da sua aplicação direta com alunos de diferentes idades. Procurámos um professor cooperante que, dentro da instituição à qual estávamos profissionalmente ligados, pudesse servir de ponte e também participar e melhor aferir o impacto deste projeto nos alunos.

Assim, partimos para a organização das sessões a partir do modelo formado pelas sete fases que apresentamos anteriormente. O método escolhido para preparação, registo e análise de dados foram os guiões apresentados em anexo e o uso de um diário onde foram anotadas todos os aspetos relacionados com o projeto educativo. O feedback da professora e dos alunos participantes foi também importante para melhor podermos compreender o impacto do projeto nos alunos.

Uma das primeiras e mais importantes conclusões a que chegámos, ao terminar este projeto, foi quanto à adaptabilidade da sua utilização. Quando iniciámos este projeto tínhamos em mente o aluno de 5º grau, um ano intermédio no período de estudo do Conservatório, antes do curso complementar, mas já com alguma experiência do curso básico. Pensamos, à partida, que as tarefas a executar seriam provavelmente de excessiva dificuldade para o aluno de 1º grau e possivelmente para o aluno de 3º grau também, tendo como ponto de referência, então, o aluno de 5º. Com alguma surpresa nossa, e como uma das mais importantes conclusões a retirar deste projeto, foi que não só os conteúdos estavam perfeitamente ao alcance da aluna de 3º grau como também, em grande parte, da aluna de 1º grau. Ao ser construído de uma forma gradual, por passos, a aplicação deste método foi assim possível. Os

alunos foram pouco a pouco superando os objetivos e aumentando não só as suas competências e superando os objetivos propostos como também aumentando a sua autoconfiança em relação à improvisação e ao piano.

Ao aprofundar mais a nossa análise, reparámos que realmente existiram algumas lacunas em relação a um dos objetivos iniciais, isto é, à adaptação do método ao aluno de 5º grau. Curiosamente, as expectativas criadas no início da aplicação deste projeto eram muito elevadas para este aluno e vieram a revelar-se, em certo modo, frustradas. O aluno não atingiu o patamar esperado, em parte devido a algum desinteresse pelo assunto mas também, segundo o nosso ponto de vista, porque algumas das tarefas não o motivaram. As tarefas que não o motivaram, segundo a nossa análise durante a aplicação do projeto e na reflexão posterior, foram as tarefas relacionadas com as canções populares. O aluno não se empenhou a fundo nessa tarefa, que teve lugar nas sessões iniciais, o que dificultou a sua participação e empenho no final deste projeto. Por outro lado verificámos que as tarefas que envolviam mais cálculo e raciocínio, como os exercícios de transposição ou a improvisação dentro de uma estrutura, foram mais do seu agrado, tendo este manifestado essa opinião durante e entrevista e sido corroborado pela Professora cooperante.

A nível das competências trabalhadas ao longo deste projeto, destacamos o desenvolvimento do ouvido harmónico como um dos aspetos principais que foi trabalhado e aprendido pelos alunos. Todos eles se compreenderam e absorveram sem dificuldade todas as tarefas que exigiam esta competência. Apesar de os alunos não estarem familiarizados com este tipo de exercícios, ao longo das sessões foram-se sentindo gradualmente mais confortáveis e obtendo melhores resultados. A transposição foi outra das competências trabalhadas durante as sessões.

A utilização de dinâmicas e articulações variadas nos exercícios de improvisação foi já desenvolvida mais lentamente e sem tantos resultados. Os alunos revelaram estar num ponto ainda inicial para poder focar a sua atenção não só nas notas que tocavam mas também na forma de tocá-las. A utilização de diferentes dinâmicas e articulações deu-se mais frequentemente quando os alunos imitavam motivos tocados pelo professor, que as variava.

Um dos pontos fortes deste projeto no final revelou ser a simplicidade e facilidade com que os alunos absorviam os seus conteúdos. Através de uma estrutura gradual e escalonada, os alunos transitavam de exercício após a compreensão e domínio do exercício anterior. Este

facto fez com que os alunos compreendessem cada exercício individualmente e começassem pouco a pouco a criar uma visão global do conjunto de competências que estavam a desenvolver.

Outro dos pontos importantes deste projeto foi a constatação por parte do autor de que este é um método simples e eficaz e que quando dominado com proficiência pelo professor, pode ser facilmente implantado como uma secção da aula de instrumento. Com o conhecimento e controle do professor sobre os aspetos trabalhados, o tempo de implementação pode ser reduzido a 5 minutos por aula, o que traria enormes vantagens para o aluno.

Após o final do projeto e na sua posterior análise detetámos alguns pontos a melhorar. Nomeadamente, a adaptação dos exercícios para os alunos mais velhos do curso básico como os 4º/5º graus. A fase de exercícios sobre melodias populares infantis não funciona com a mesma eficácia nesta faixa etária do que na faixa etária anterior de 1º, 2º e 3º graus.

Um outro ponto menos eficaz que detetámos foi o facto de os alunos serem de outro professor (o cooperante) e não os alunos da classe do autor do projeto. Este facto fez com que uma grande parte do tempo das primeiras sessões, sobretudo, fosse passado a conhecer os alunos. A competência da improvisação requer algum grau de autoconfiança e de confiança no professor por parte do aluno. Esta confiança foi sendo conquistada pelo professor mas, uma vez mais, notámos que seria mais rapidamente atingida se os alunos fossem da própria classe. Também na posterior análise dos dados, nomeadamente nas entrevistas, se notou essa timidez e acanhamento dos alunos, uma vez que não se sentiam completamente à vontade para falar e expor as suas opiniões.

Sendo a improvisação à partida algo de abstrato, algo que não existe até que é feito, quando passamos à ação podemos verificar que realmente não é assim. Existem estruturas, relações tonais, encadeamentos, que podem ou não ser utilizados mas que estão à nossa disposição e devemos conhecê-los para escolhê-los ou não. Foi a ideia que pretendemos passar com este projeto educativo, a de que a improvisação é acessível a todos, simples e de fácil compreensão. Utilizando as ferramentas corretas e com uma direção adequada podemos incorporá-la na educação musical dos alunos. As vantagens são múltiplas e os benefícios para os alunos são diversos. Por essa razão recomendamos a sua introdução nas aulas de instrumento para uma educação mais completa e uma visão mais abrangente da música por parte dos alunos.

Bibliografia

Addison, R. "A New Look at Musical Improvisation in Education." *British Journal of Music Education* 5, nº 3 (1988): 255-67.

Allen, R. "Free Improvisation and Performance Anxiety among Piano Students." *Psychology of Music* September (2011): 1-14

Azzara, C.D. "Audiation-Based Improvisation Techniques and Elementary Instrumental Students' Music Achievement." *Journal of Research in Music Education* 41, nº 4 (1993): 328-42.

Azzara, C.D., *Improvisation*. Editado por C. Richardson e R. Colwell, *The New Handbook of Research on Music Teaching and Learning*. Oxford University Press, USA, 2002: 171-187.

Azzara, C.D., e R.F. Grunow. *Developing Musicianship through Improvisation*. Chicago: GIA Publications Inc, 2006.

Chappell, S. "Developing the Complete Pianist: A Study of the Importance of a Whole-Brain Approach to Piano Teaching." *British Journal of Music Education* 16, nº 3 (1999): 253-62.

Chung, B., e D. Thurmond. *Improvisation at the Piano: A Systematic Approach for the Classically Trained Pianist*. Alfred Publishing Company, Incorporated, 2007.

Chyu, Y.E. *Teaching Improvisation to Piano Students of Elementary to Intermediate Levels*. Ohio State University, 2005.

Colwell, R., e C. Richardson. *The New Handbook of Research on Music Teaching and Learning: A Project of the Music Educators National Conference*. Oxford University Press, USA, 2002.

Dru Davison, P. "The Role of Self-Efficacy and Modeling in Improvisation among Intermediate Instrumental Music Students." *Journal of Band Research* 45, nº 2 (2010): 42.

Hickey, M. "Can Improvisation Be 'Taught'? A Call for Free Improvisation in Our Schools." *International Journal of Music Education* 27, nº 4 (2009): 285-99.

Hinz, B. "Helping Students Master Improvisation." *Music Educators Journal* 82, nº 2 (1995): 32-36.

Humphries, C. *The Piano Improvisation Handbook: A Practical Guide to Musical Invention*. Backbeat Books, 2010.

Huovinen, E., V.P. Kuusinen, and A. Tenkanen. "Pedagogical Styles for Melodic Improvisation-Comparing the Effects of Music-Theoretical and Dramaturgic Instruction." *International Journal of Music Education* 29, nº82 (2011): 82-100.

Kanellopoulos, P. "Musical Improvisation as Action: An Arendtian Perspective." *Action, Criticism, and Theory for Music Education* 6, nº 3 (2007): 97-127.

- Kanellopoulos, P.A. "Children's Conception and Practice of Musical Improvisation." *Psychology of Music* 27, nº 2 (1999): 175-91.
- Kingscott, J., e C. Durrant. "Keyboard Improvisation: A Phenomenological Study." *International Journal of Music Education* 28, nº 2 (2010): 127-44.
- Koutsoupidou, T., e D.J. Hargreaves. "An Experimental Study of the Effects of Improvisation on the Development of Children's Creative Thinking in Music." *Psychology of Music* 37, nº 3 (2009): 251-78.
- Kratus, J. "A Developmental Approach to Teaching Music Improvisation." *International Journal of Music Education*, nº 1 (1995): 27.
- . "Growing with Improvisation." *Music Educators Journal* 78, nº 4 (1991): 36-40.
- Larsen, J.J. "Teaching Basic Jazz Piano Skills: A Mastery Learning Approach." University of Florida, 1986.
- Lawson, C., and R. Stowell. *The Historical Performance of Music: An Introduction*. Cambridge University Press, 1999.
- Marshall, H.D. "Improvisation Strategies and Resources for General Music." *General Music Today* 17, nº 3 (2004): 51.
- Norgaard, M. "Descriptions of Improvisational Thinking by Artist-Level Jazz Musicians." *Journal of Research in Music Education* 59, nº 2 (2011): 109-27.
- Peters, G. *The Philosophy of Improvisation*. Chicago: University of Chicago Press, 2009.
- Pressing, J. "Improvisation: Methods and Models." John A. Sloboda (Hg.): *Generative processes in music*, Oxford (1988): 129-78.
- Riveire, J. "Using Improvisation as a Teaching Strategy." *Music Educators Journal* (2006): 40-45.
- Stefanuk, M. *Improvisation Step by Step: Improvising Classical Music on Piano*. Mel Bay Publications, 2008.
- Watson, K.E. "The Effects of Aural Versus Notated Instructional Materials on Achievement and Self-Efficacy in Jazz Improvisation." *Journal of Research in Music Education* 58, nº 3 (2010): 240-59.
- Wright, J. "A Technique to Introduce Keyboard Improvisation in General Music." *Music Educators Journal* 93, nº 2 (2006): 14.
- Wright, R., e P. Kanellopoulos. "Informal Music Learning, Improvisation and Teacher Education." *British Journal of Music Education* 27, nº 01 (2010): 71-87, nº 01 (2010): 71-87.

Anexos

Diários

Diário da sessão 1

Competências

Desenvolvimento da capacidade auditiva e de imitação

Concentração

Estratégias

Jogos de imitação a 4 mãos para que aluno tome primeiro contacto com a improvisação.

Exercícios

-Jogo de pergunta-resposta ao piano com uma nota só.

-Prof. toca baixo ostinato e melodia, aluno imita melodia.

-Prof. toca baixo ostinato, aluno toca melodia, prof. imita.

Improvisação sobre Baixo Ostinato

The image shows a musical score for a piano exercise. It consists of two systems of music. The first system has 8 measures, and the second system starts at measure 9 and also has 8 measures. The key signature is three sharps (F#, C#, G#) and the time signature is 2/4. The bass line (ostinato) is a steady eighth-note pattern: C4, E4, G4, C5. The treble line features a melody with notes G4, A4, B4, C5, G4, F4, E4, D4, and rests. The piece concludes with a double bar line at the end of the second system.

Resultados

Feito o primeiro contacto com o novo professor procedemos rapidamente aos exercícios no piano. Os três alunos obtiveram bons resultados neste primeiro exercício. Consistindo num jogo de imitação, facilmente os três alunos compreenderam o funcionamento do exercício e com facilidade conseguiram tocá-lo e desenvolver o jogo.

A aluna de primeiro grau apreciou particularmente a parte do exercício em que tinha que tocar a melodia para que o professor imitasse. Foi um novo desafio, que não estava habituada e que a introduziu a este novo desafio.

Diário da sessão 2

Competências

Compreensão das funções harmónicas de tónica-dominante.

Desenvolvimento do ouvido.

Estratégias

Jogos de imitação a 4 mãos

Exercícios

Prof. toca baixo ostinato e melodia, aluno imita melodia.

Prof. toca baixo ostinato, aluno toca melodia, prof. imita.

Prof. toca progressão harmónica I-V-I, aluno improvisa melodia sobre progressão.

Prof. toca progressão harmónica I-V-I na mão esquerda, melodia curta na mão direita.

Aluno responde à melodia do prof. com a mão direita.

Resultados

Este exercício teve resultados menos uniformes. A aluna de 1º grau apresentou algumas dificuldades iniciais para a realização destes exercícios. O facto de as imitações serem já mais complexas aumentou o grau de dificuldade do exercício e a aluna de 1º grau ressentiu-se na fase inicial. Numa fase mais avançada a aluna

conseguiu já imitar melhor os motivos tocados pelo professor, ainda que num grau muito básico.

A aluna de 3º grau conseguiu realizar os exercícios com alguma fluência. Apresentando dificuldades iniciais, foi superando as dificuldades e conseguindo realizar os exercícios.

Quanto ao aluno de 5º grau, o exercício apresentou também alguns problemas iniciais que foram rapidamente superados. O aluno conseguiu criar pequenos motivos que se enquadravam na progressão harmónica tocada pelo professor. Conseguiu também imitar sem problemas os motivos tocados pelo professor.

Diário da sessão 3

Competências

Desenvolvimento do ouvido harmónico.

Estratégias

Recurso a melodias populares infantis que o aluno facilmente reconhece e toca de ouvido.

Exercícios

-O aluno canta a melodia *Come a Papa, Joana*.

-O aluno toca ao piano a melodia *Come a Papa, Joana* em Dó maior.

Come a Papa, Joana

Popular

The image shows a musical score for the song 'Come a Papa, Joana'. It is written in 4/4 time and D major. The score consists of two systems of music. The first system has five measures, and the second system has five measures, starting with a measure number '6' above the first note. The melody is written in the treble clef, and the bass clef contains whole rests. The notes in the melody are: C4, D4, E4, F4, G4, A4, B4, C5, B4, A4, G4, F4, E4, D4, C4.

-O aluno toca a melodia na mão direita e tenta descobrir as notas fundamentais dos acordes do baixo (tónica e dominante).

-O aluno canta a melodia *Frère Jacques*.

-O aluno toca ao piano a melodia *Frère Jacques* em Dó maior.

Frère Jacques

Popular

The musical score for 'Frère Jacques' is presented in two systems. The first system contains 8 measures, and the second system, starting at measure 9, contains 8 measures. The right hand plays the melody, and the left hand plays a simple bass line. The piece ends with a double bar line.

-O aluno toca a melodia na mão direita e tenta descobrir as notas fundamentais dos acordes do baixo (tónica e dominante).

Resultados

Este exercício foi um desafio para os alunos. Fora do que estavam habituados a fazer, o facto de terem que descobrir melodias de ouvido constituiu um desafio extra.

A aluna de 1º grau foi a que mais desfrutou do exercício e melhor absorveu os seus conteúdos. Inicialmente receosa de realizar o exercício, uma vez que conseguiu tocar a

primeira melodia de ouvido a sua atitude mudou radicalmente. Passou a estar muito mais receptiva e a querer realizar mais melodias neste estilo. Quanto ao acompanhamento, esta foi uma dificuldade mais para a aluna que, porém, a superou.

Para a aluna de 3º grau este foi também um exercício fora do comum. Não estando habituada a tocar de ouvido, esta aluna beneficiou deste exercício. Conseguiu descobrir as melodias populares após algumas tentativas e incorporar também o baixo nas melodias. Este facto fez com que subisse a sua motivação.

Quanto ao aluno de 5º grau conseguiu superar com facilidade o exercício, mas sem demonstrar demasiado interesse nem motivação.

Diário da sessão 4

Competências

Desenvolvimento do ouvido harmónico

Estratégias

Recurso a melodias populares infantis

Exercícios

-O aluno canta a melodia *O Jardim da Celeste*.

-O aluno toca ao piano a melodia *O Jardim da Celeste* em Dó maior.

O Jardim da Celeste

Popular

9

-O aluno toca a melodia na mão direita e tenta descobrir as notas fundamentais dos acordes do baixo (tónica e dominante).

Papagaio Loiro

Popular

-O aluno canta a melodia *Papagaio Loiro*.

-O aluno toca ao piano a melodia *Papagaio Loiro* em Dó maior.

-O aluno toca a melodia na mão direita e tenta descobrir as notas fundamentais dos acordes do baixo (tónica e dominante).

-O aluno deve agora desenvolver o baixo em notas com metade do valor das do exercício anterior.

Resultados

Nesta sessão, os três alunos obtiveram resultados mais rapidamente e sem tantos problemas como na fase inicial.

A aluna de 1º grau conseguiu tocar as melodias propostas rapidamente, apresentando ainda alguns problemas para tocar as notas do baixo. Após diversas tentativas conseguiu tocar a melodia e o baixo o que fez com que, uma vez mais, esta aluna ficasse motivada e satisfeita com os resultados obtidos.

A aluna de 3º grau, à semelhança da semana anterior, realizou as tarefas com naturalidade, após algumas tentativas.

Quanto ao aluno de 5º grau, uma vez mais realizou as tarefas sem problemas e com rapidez e facilidade.

Diário da sessão 5

Competências

Desenvolvimento do ouvido harmónico

Progressão I-V6-I com os

Estratégias

Melodias populares

Progressões de acordes da mão esquerda em posição fixa.

Exercícios

-Introduz-se ao aluno a progressão I-V6-I com os acordes da mão esquerda em posição fixa, Dó maior.

-O aluno tenta aplicar os acordes às melodias previamente aprendidas: *Come a Papa*, *Joana*; *Frère Jacques*; *O Jardim da Celeste*; *Papagaio Loiro*.

Resultados

A fase seguinte consistiu na substituição das notas da mão esquerda por acordes em posição fixa.

Para a aluna do 1º grau esta foi uma tarefa já com um grau mais elevado de complexidade. Acrescentar acordes e tocá-los juntamente com a mão esquerda exigiu já muita concentração e muitas tentativas. Ainda assim os resultados foram positivos pois a aluna conseguiu realizar as tarefas que lhe eram pedidas.

A aluna de 3º grau teve também alguns problemas iniciais em conseguir mudar os acordes pelas notas do baixo numa fase inicial. Ainda assim conseguiu realizar a tarefa com êxito o que a deixou visivelmente satisfeita e motivada.

O aluno de 5º grau realizou a tarefa com facilidade tendo conseguido realizar todas as melodias com acompanhamento num curto espaço de tempo. Os seus níveis de motivação, no entanto, não eram os mesmo que no início do projeto.

Diário da sessão 6

Competências

Desenvolvimento do ouvido harmónico

Transposição

Estratégias

Transposição das melodias populares aprendidas

Exercícios

-O aluno revê a melodias populares *Come a Papa, Joana*, na versão simplificada de melodia e nota fundamental do baixo, aprendida anteriormente, e tenta transpô-la para as tonalidades de Sol M, Ré M, Lá M e Mi M. Este exercício será adaptado aos alunos tendo em conta o grau em que se encontram.

Resultados

Esta foi uma sessão muito produtiva. Os alunos conseguiram bons resultados numa tarefa com a qual não estavam familiarizados.

Para a aluna de 1º grau, o conceito de transposição era desconhecido. Assim, uma vez explicado em que consistia a transposição, foi pedido à aluna que tocasse a melodia na tonalidade de sol maior em primeiro lugar e ré maior depois. Posteriormente, foi

pedido que acrescentasse as notas do baixo à melodia executando transposições para diversas tonalidades. Uma vez mais, a aluna ficou muito contente com os resultados.

A aluna de 3º grau desconhecia também a transposição pelo que este exercício demorou algum tempo até a aluna conseguir alguns resultados. Ainda assim a aluna conseguiu após algumas tentativas tocar as melodias e os acompanhamentos em tonalidades tais como Sol, Ré, Lá, Mi, Si ou Fá maior.

Apesar de ser uma tarefa nova para o aluno de 5º grau também, este conseguiu realizar a tarefa com facilidade e rapidez, executando as melodias em todas as tonalidades maiores.

Diário da sessão 7

Competências

Reforço das tarefas realizadas anteriormente.

Transposição com acordes na mão esquerda

Estratégias

Progressões I-V6-I

Transposição de melodia e acompanhamento

Exercícios

-Revisão da progressão I-V6-I com os acordes da mão esquerda em posição fixa.

-Revisão das melodias populares aprendidas anteriormente com os acordes na mão esquerda

-Transposição das melodias populares para diferentes tonalidades com acordes na mão esquerda.

Resultados

Nesta sessão foi pedido aos alunos que transpusessem as melodias com os acompanhamentos na mão esquerda. Estando já familiarizados com a transposição,

este foi, ainda assim, um desafio extra para os alunos uma vez que tinham que incorporar os acordes do acompanhamento nas suas melodias.

A aluna de 1º grau conseguiu resultados positivos mas limitados nesta tarefa, conseguindo executar transposições para as tonalidades de Sol, Ré e Lá maior.

A aluna de 3º grau conseguiu melhores resultados conseguindo transpôr as melodias para várias tonalidades do ciclo de quintas.

Quanto ao aluno de 5º grau conseguiu realizar as transposições em todas as tonalidades uma vez mais. De destacar a curiosidade e o interesse demonstrados pelo aluno por este exercício.

Diário da sessão 8

Competências

Desenvolvimento auditivo

Coordenação motora e vocal

Progressões harmónicas

Estratégias

Tocar mão direita/ cantar sobre progressões harmónicas da mão esquerda

Exercícios

-O aluno toca uma progressão harmónica I-V-I maior.

-O aluno tenta cantar uma melodia improvisada por cima da progressão.

-O aluno toca uma progressão harmónica I-IV-V-I maior.

-O aluno tenta cantar uma melodia improvisada por cima da progressão.

-Transposição dos exercícios realizados

Resultados

Nesta sessão foram trabalhados exercícios com algum grau de complexidade que envolveram um maior grau de coordenação. Os exercícios constavam de tocar progressões harmónicas e cantar pequenos motivos sobre elas. A aluna de 1º grau, inicialmente relutante a cantar, obteve resultados interessantes neste exercício, tal como a aluna de 3º grau. O aluno de 5º grau realizou o exercício sem dificuldade.

O passo seguinte constou de transpôr os exercícios realizados o que dificultou um pouco a tarefa. Ainda assim os resultados foram positivos com os alunos a conseguirem improvisar alguns motivos enquadrados na tonalidade e no carácter da mão esquerda.

Diário da sessão 9

Competências

Desenvolvimento auditivo

Coordenação motora e vocal

Compreensão das progressões harmónicas menores

Estratégias

Tocar a mão direita/ cantar sobre a progressão harmónica menor da mão esquerda

Exercícios

-O aluno toca uma progressão harmónica I-V-I menor.

-O aluno tenta cantar uma melodia improvisada por cima da progressão.

-O aluno toca uma progressão harmónica I-IV-V-I menor.

-O aluno tenta cantar uma melodia improvisada por cima da progressão.

-Transposição dos exercícios realizados

-O aluno toca uma escala de Dó M em uma oitava.

-O aluno tenta cantar uma melodia improvisada por cima da escala.

Resultados

Não estando tão acostumados às tonalidades menores, neste exercício os alunos tiveram algumas dificuldades extra. O facto de terem que cantar em tonalidades nas quais não tinham tantas referências fez com que esta tarefa fosse menos do agrado dos alunos, especialmente das alunas mais novas.

A aluna de 1º grau teve fracos resultados neste exercício, não se conseguindo adaptar às tonalidades menores. A aluna de 3º grau obteve alguns resultados interessantes após várias tentativas. O aluno de 5º grau apresentou também alguns resultados interessantes. O aluno demonstrou nesta fase algum desinteresse nas tarefas realizadas.

Diário da sessão 10

Competências

Desenvolvimento auditivo

Concentração

Compreensão harmónica

Estratégias

Jogos de pergunta-resposta a 4 mãos

Exercícios

-Exercício a 4 mãos, o prof. no baixo, o aluno nos agudos. O prof. toca uma frase com a progressão I-V-I maior, o aluno responde com a mão direita (tentará tocar com as duas mãos, se possível). Repetição do exercício até o aluno se sentir confortável.

-O prof. toca uma frase com a progressão I-IV-V-I maior, o aluno responde com a mão direita (tentará tocar com as duas mãos, se possível). Repetição do exercício até o aluno se sentir confortável.

Resultados

Estes exercícios apresentavam algumas semelhanças com os realizados nas sessões iniciais. Contudo, apresentavam uma diferença: os motivos tocados pelo professor não deveriam ser imitados pelo aluno mas sim servir de base para a sua resposta. Os alunos deveriam, improvisando, responder aos motivos tocados pelo professor, tanto em caráter como em estilo.

A aluna de 1º grau obteve bons resultados neste exercício. Os motivos tocados pelo professor eram simples e a resposta dada pela aluna foi adequada. A aluna de 3º grau conseguiu também responder bem aos motivos tocados pelo professor respondendo com motivos interessantes e criativos. O aluno de 5º grau respondeu bem também aos motivos do professor, se bem que os seus resultados ficassem aquém do esperado.

Diário da sessão 11

Competências

Desenvolvimento auditivo

Concentração

Compreensão harmónica

Estratégias

Jogos de pergunta-resposta a 4 mãos em tonalidades menores

Exercícios

-Exercício a 4 mãos, o prof. no baixo, o aluno nos agudos. O prof. toca uma frase com a progressão I-V-I menor, o aluno responde com a mão direita (tentará tocar com as duas mãos, se possível). Repetição do exercício até o aluno se sentir confortável.

-O prof. toca uma frase com a progressão I-IV-V-I menor, o aluno responde com a mão direita (tentará tocar com as duas mãos, se possível). Repetição do exercício até o aluno se sentir confortável.

Resultados

À semelhança da sessão 9, este exercício com tonalidades menores trouxe alguns problemas. Os alunos tiveram uma vez mais dificuldades para se adaptarem. Ainda assim, os resultados foram mais positivos. O facto de terem que tocar e não que cantar facilitou a execução da tarefa.

A aluna de 1º grau baseou a sua improvisação em motivos baseados na tónica e na sensível. A aluna de 3º grau limitou também em grande medida a sua improvisação no alcance das notas tocadas e nos ritmos utilizados. O aluno de 5º grau tomou algumas liberdades mas o alcance rítmico, dinâmico e intervalar foi também limitado.

Diário da sessão 12

Competências

Desenvolvimento auditivo

Concentração

Compreensão harmónica

Estratégias

Improvisação a 4 mãos

Utilização de dinâmicas/articulações

Exercícios

-O prof. toca uma melodia improvisada, sobre as progressões trabalhadas anteriormente. O aluno responde ao piano à frase tocada pelo professor.

-Alternam-se os papéis, o aluno toca e o prof. responde.

-Continuação do exercício com mudanças de articulação (*legato*, *staccato*), exploração de dinâmicas.

-Jogo de contrastes, se o prof. toca uma frase *legato*, o aluno deve responder em *staccato*, etc.

Resultados

O trabalho desta sessão incidiu, uma vez mais, no desenvolvimento auditivo dos alunos. Desta vez, foi pedido aos alunos que interagissem com os motivos tocados pelo professor, mas sem uma progressão harmónica tão rígida.

Os resultados foram melhores nesta sessão. Mais à vontade, a aluna de 1º grau conseguiu responder bem aos motivos do professor, destacando-se especialmente na tarefa do jogo de contrastes.

A aluna de 3º grau teve também resultados interessantes, especialmente no aspeto das mudanças de articulação. O aluno de 5º grau obteve os resultados esperados nesta altura: positivos mas sem nada a destacar.

Diário da sessão 13

Competências

Compreensão harmónica e de noção de forma ABA

Estratégias

Jogos de pergunta-resposta

Improvisação sob a forma ABA

Exercícios

-O aluno improvisa uma frase musical, analisa-a com o prof., as suas características e componentes.

-O aluno tenta improvisar uma outra frase musical no mesmo estilo da que tocou anteriormente.

-Repete-se este exercício até o aluno o dominar com alguma fluência

-O aluno improvisa uma frase contrastante noutra tonalidade

-O aluno tenta improvisar uma outra frase musical no mesmo estilo da que tocou anteriormente.

-O aluno tenta tocar duas frases contrastantes seguidas.

- Análise do exercício que realizou
- O aluno tenta tocar as duas frases contrastantes, seguida da primeira frase que tocou.
- Explicação da forma ABA
- O aluno repete o exercício

Resultados

Esta sessão teve um ponto de interesse acrescido pois foi trabalhado pela primeira vez o conceito de estrutura e forma. Foi explicado aos alunos o conceito de ABA e realizado o trabalho descrito acima.

A aluna de 1º grau não conseguiu encadear os motivos. Apesar de compreender na teoria o exercício, na prática a aluna não conseguiu obter os melhores resultados. A aluna de 3º grau obteve já alguns resultados positivos ainda que os motivos improvisados tenham sido extremamente simples. O aluno de 5º grau conseguiu também improvisar na forma ABA. Este exercício motivou-o mais uma vez que o conceito de estrutura musical despertou o seu interesse. O aluno conseguiu, ainda que de uma forma muito básica, improvisar nesta estrutura.

Improvisação sobre Baixo Ostinato

Two systems of piano notation for 'Improvisação sobre Baixo Ostinato'. The key signature is three sharps (F#, C#, G#) and the time signature is 2/4. The first system consists of two staves: the upper staff has a melody of quarter notes (F#, G#, A, B, C, D, E, F#) with rests, and the lower staff has a bass line of eighth notes (F#, G#, A, B, C, D, E, F#) repeated. The second system starts at measure 9 and continues the same pattern.

Come a Papa, Joana

Popular

Two systems of piano notation for 'Come a Papa, Joana'. The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 4/4. The first system shows the melody in the upper staff (quarter notes: F#, G#, A, B, C, D, E, F#, G#, A, B, C, D, E, F#, G#, A, B) and rests in the lower staff. The second system starts at measure 6 and continues the melody.

Frère Jacques

Popular

Two systems of piano notation for 'Frère Jacques'. The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 2/4. The first system shows the melody in the upper staff (quarter notes: F#, G#, A, B, C, D, E, F#, G#, A, B, C, D, E, F#, G#, A, B) and rests in the lower staff. The second system starts at measure 9 and continues the melody.

O Jardim da Celeste

Popular

Musical score for 'O Jardim da Celeste' in 2/4 time. The score consists of two systems. The first system has 8 measures, and the second system starts at measure 9 and has 8 measures. The melody is written in the treble clef, and the bass clef contains rests.

Papagaio Loiro

Popular

Musical score for 'Papagaio Loiro' in 4/4 time. The score consists of two systems. The first system has 4 measures, and the second system starts at measure 5 and has 4 measures. The melody is written in the treble clef, and the bass clef contains rests.

Progressão Harmónica I

Musical score for 'Progressão Harmónica I' in 4/4 time. The score consists of a single system with 4 measures. The treble clef contains rests, and the bass clef contains chords.

Progressão Harmónica II

Musical notation for Progressão Harmónica II, featuring a grand staff with treble and bass clefs. The key signature has three flats (B-flat, E-flat, A-flat) and the time signature is 4/4. The progression consists of four measures: Measure 1 (F major triad), Measure 2 (D minor triad), Measure 3 (D minor triad), and Measure 4 (F major triad).

Progressão Harmónica III

Musical notation for Progressão Harmónica III, featuring a grand staff with treble and bass clefs. The key signature has two flats (B-flat, E-flat) and the time signature is 2/4. The progression consists of four measures: Measure 1 (F major triad), Measure 2 (D minor triad), Measure 3 (D minor triad), and Measure 4 (F major triad).

Progressão Harmónica IV

Musical notation for Progressão Harmónica IV, featuring a grand staff with treble and bass clefs. The key signature has three flats (B-flat, E-flat, A-flat) and the time signature is 2/4. The progression consists of four measures: Measure 1 (F major triad), Measure 2 (D minor triad), Measure 3 (D minor triad), and Measure 4 (F major triad).

Entrevistas:

Entrevista à aluna de 1º grau

-Boa tarde

-Boa tarde professor

-Obrigado por participares nesta entrevista. Agora que acabou o projeto tenho algumas perguntas para te fazer: em primeiro lugar o que achas que aprendeste?

-Aprendi a treinar o meu ouvido

-Podes especificar?

-Sim, pensamos numa música popular, ouvimo-la e depois podemos sentar no piano e tocá-la ou cantá-la.

-Não sabias fazer isso antes do projeto?

-Não, eu tenho um ouvido muito fraquinho e o professor ajudou a treina-lo fazendo exercícios.

-Que exercícios?

-Fazendo exercícios com as músicas infantis

-Quando te convidei a participar no projeto o que sentiste?

-Que teria mais uma aula extra, uma aula de instrumento onde tocaria o repertório normal

-E quando percebeste que não era esse tipo de aula como te sentiste?

-No início fiquei um pouco envergonhada por ter de cantar e tocar musicas de ouvido.

-E achas que isto te ajudou?

-O cantar não, porque não me sinto suficientemente á vontade em frente a outras pessoas ao faze-lo mas para tocar e ouvir ajudou.

-Antes pensavas que era uma aula suplementar e no final qual foi a impressão com que ficaste?

-Que me ajudou na formação musical porque treinei o meu ouvido para os ditados, por exemplo, na aula de preparação para o teste, nos exercício em que costumava errar mais notas, desta vez acertei

-Em relação às competências que aprendeste, ajudaram-te no teu repertório normal?

-Sim. Nos estudos principalmente pois são mais rápidos, e nas audições para não me baralho tanto porque ouço melhor e conheço melhor o piano e também porque tenho melhor ouvido para saber se está bem.

-Gostarias de continuar a aprender improvisação no futuro?

-Acho que o que aprendi já foi suficiente.

-E o que achas ter sido o mais útil de tudo que aprendeste?

-Tocar as músicas que gosto por ouvido porque até aqui tocava apenas músicas com partituras.

-Variaste o teu tipo de repertório também?

-Sim. Comecei a estudar outras músicas de livros que me compravam os meus familiares.

-Muito obrigado mais uma vez, foi um prazer trabalhar contigo neste projeto.

-Obrigada professor.

Entrevista com a aluna de 3º grau

-Boa tarde

-Boa tarde

-Fizeste parte do projeto de improvisação que realizamos. O que achas que aprendeste por participar?

-Aprendi a improvisar, a utilizar e compreender melhor as diferentes tonalidades e também a tirar músicas de ouvido.

- Quando foste convidada para participar, quais eram as tuas expectativas?

-Pensei que seria um projeto interessante.

- Depois ter acabado, o que achaste?

-Concluí que realmente foi interessante e que tirei proveito do que aprendi no projeto.

- Das competências que aprendes-te como tirar a música de ouvido, a transpor, a fazer acompanhamentos, a fazer o baixo, o baixo Alberti,... conseguiste integrar alguma delas nas peças que tocavas?

-Sim. Por exemplo, quando me enganava era mais fácil disfarçar e cobrir o erro porque tendo noção da tonalidade em que estava e dos tempos que me faltavam para acabar o compasso, dava para improvisar um bocado. Também memorizo mais rapidamente e com mais facilidade porque tiro músicas de ouvido. E percebi melhor a mão esquerda da minha Sonata.

-Então, achas que o projeto te ajudou a encobrir erros.

- Também. Dá imenso jeito. E gosto muito de tocar músicas de ouvido no piano e no violino.

- No futuro, pensas continuar a desenvolver esta competência de improvisação?

- Sim, principalmente no violino.

- O que consideras ter sido o mais útil e o menos útil de tudo que aprendeste?

- De mais útil aprender a transpor, improvisar e perceber melhor como funciona os acordes da mão esquerda, com a nota e depois o baixo de Alberti. De menos útil achei que foi o exercício de cantar e tocar com a mão esquerda.

- Muito bem, obrigado pela tua participação neste projeto.

-De nada professor!

Entrevista com o aluno de 5º grau

-Boa tarde

-Boa tarde

-Em primeiro lugar gostava de te agradecer por teres participado no projeto e começava por perguntar o que aprendeste.

-Aprendi a improvisar uma melodia com a mão direita ou, por exemplo, a fazer variações para uma melodia mais básica. Também aprendi a fazer acompanhamentos para essas melodias com a mão esquerda com o I, IV, V e VI grau.

- Como te sentias antes de começar o projeto?

- Sentia-me curioso. Sempre quis saber improvisar alguma coisa para o caso de não saber o que fazer ou se me apetecesse tocar algo e não soubesse o quê.

-Como integras as competências aprendidas no teu repertório?

-Penso que consigo corrigir mais facilmente os erros, especialmente nas partes harmónicas. Ou quando toco um acorde ou um arpejo errado consigo remediá-lo para o grau ou tonalidade correta. Ou também quando estou em casa e tenho uma melodia consigo fazer um acompanhamento.

- Depois do projeto ter terminado, as tuas expectativas foram cumpridas?

- Foram, gostaria de ter aprendido mais mas tenho a certeza de que o que aprendi vai ser muito útil.

- O que achas que poderias ter aprendido que não chegamos a abordar?

- Outros graus, outros tipos de acompanhamento; mais técnicas de improvisação.

- Gostarias de continuar no futuro a desenvolver esta competência?

-Não é algo que escolheria para fazer em especial mas gostava, claro, de aprender mais pois poderá vir a ser muito útil.

- Por falar em utilidade, o que consideras ter sido o mais útil de tudo que aprendeste?

-Provavelmente o acompanhamento a fazer com vários graus porque assim com base na tonalidade consigo saber o que fazer e como o fazer.

- Então damos por concluída a nossa entrevista, muito obrigada pela tua participação.

- Obrigado!

Entrevista com a professora colaboradora

-Boa tarde professora.

-Boa tarde professor Nuno.

-Nesta entrevista sobre a participação dos seus alunos neste projeto educativo, gostaria de perguntar qual foi a sua opinião.

-Penso que o projeto foi importante pois desenvolveram competências como a leitura e ajudou-os também a conciliar a informação da partitura e transcrevê-la melhor para os dedos como as cadências ou progressões harmónicas. Para eles tornou-se muito mais fácil perceber essas informações e tocar.

- Antes de começar o projeto, quais eram as suas expectativas em relação ao que os alunos iriam aprender?

-Eram moderadas. Pensei que seria algo importante que os iria desenvolver a nível cognitivo e a nível digital porém, o resultado foi muito melhor do que esperava. Houve um grande progresso principalmente na aluna de I grau que teve uma evolução muito significativa a nível de leitura e a nível de perceção musical das peças.

- No final do projeto, quais foram as suas impressões?

- Foram muito positivas. Senti uma evolução muito grande e os próprios alunos quando a tocar e a ler obras novas sentiam-se mais à vontade e inclusive identificavam mais facilmente cadências, paragens e padrões que se repetem noutras tonalidades. Na realização de exercícios técnicos como escalas e arpejos tornaram-se de muito mais fácil compreensão; em geral, o nível de leitura e de compreensão e das peças evoluiu muito.

- Pela sua observação direta notou que houve efetivamente uma integração das competências aprendidas no reportório?

- A nível das obras barrocas, principalmente de Bach, notei que o trabalho que realizou com os alunos, sendo Bach um compositor complicado para os alunos estudarem e perceberem o que estão a fazer, a sua perceção foi muito mais rápida, conseguiram atingir o objetivo mais rápido. A nível dos estudos, a nível técnico atingiram mais facilmente uma maior velocidade no estudo e uma melhor leitura porque normalmente o estudo é muito mais linear, foi uma evolução bastante mais rápida.

-Fazendo um comentário breve a cada aluno, qual foi o que mais beneficiou deste projeto?

-De todos os alunos a de 1º grau foi a que mais beneficiou, era uma aluna razoável e isto abriu-lhe horizontes a nível da leitura e perceção musical. Foi muito positivo conseguir tirar melodias populares de ouvido e foi uma motivação para trabalhar mais e ouvir mais música. Esse tipo de trabalho também a ajudou na memorização das obras.

A aluna de 3º grau já tinha alguns conhecimentos dado que já estudava há algum tempo e até um segundo instrumento, teve uma evolução mas mais linear. Mas apesar disso já houve outro tipo de competências que conseguiu melhorar. Como estamos a trabalhar uma Sonata, a aluna compreende mais facilmente o acompanhamento e consegue à primeira vista reconhecer padrões. Tendo também trabalhado a forma ABA a sua percepção da forma sonata foi melhor facilmente reconhecendo as partes diferentes”.

No aluno mais avançado, o de 5º grau, houve também uma grande evolução pois sendo mais velho consegue alcançar níveis de compreensão diferentes dos outros alunos e ainda hoje fala que como o trabalho que foi feito foi muito positivo. Evoluiu também sobretudo no plano analítico no que diz respeito à compreensão de forma e estrutura das obras. Notei uma grande evolução em termos de percepção das obras que está a tocar e isso ajudou-o a aprender mais rapidamente essas obras.

- Em relação ao projeto de improvisação pensa que é uma matéria importante a aprender ou é apenas uma atividade extra?

-Acho que é muito útil. Normalmente os alunos estão muito presos á partitura e sendo abordada a improvisação é muito positivo; os alunos vinham para as aulas e mostravam-me músicas que inventaram utilizando as dicas do professor, o que é bastante interessante porque conseguiam ultrapassar a dinâmica da aula que normalmente consiste só em estudar o Bach, o estudo, as peças. Eles próprios conseguiram construir uma sequência harmónica com passagens de sequências harmónicas para várias tonalidades e inventarem uma melodia com o acompanhamento, foi muito importante.

- Em relação à estrutura do projeto e à distribuição das sessões pensa que foi conveniente, ou poderia ter sido organizada de outra forma?

- Dado que a minha opinião em relação a este projeto é muito positiva, penso que se poderia estender a duas vezes por semana ou inclusive poder-se-ia apresentar um projeto à Direção Pedagógica e apresentar o projeto como uma oferta de escola, sendo um complemento importante e uma mais-valia ao desenvolvimento pianístico dos alunos

- Está então a propor um trabalho contínuo e não como um projeto.

- Exatamente, o objetivo seria esse. Seria uma mais valia para os alunos de piano trabalharem fora do contexto da aula que inclui um tempo limite em que temos de trabalhar obras específicas para as audições e para as provas e muitas vezes falta tempo para trabalhar esse tipo de competências que trabalhou com os alunos.

- Quais das competências, para os alunos do 1º, 3º e 5º grau, foi a mais importante no seu desenvolvimento?

- Para a aluna do 1º grau o que trabalhou em termos de melodias popular a tirar de ouvido foi muito positivo, fê-la sentir-se mais motivada e ouvir outro tipo de melodias e transpor para o piano. Também a ajudou em termos de memorização das obras porque como facilmente reconhecia as melodias e conseguia processá-las mais facilmente conseguiu memorizá-las mais rapidamente.

Para a aluna do 3º grau o mais produtivo foi o acompanhamento de ouvido. Nas aulas estamos a trabalhar um andamento de sonata e em termos de acompanhamento facilmente reconhece e não tem problemas em tocá-lo nem mesmo à primeira vista, facilmente reconhece padrões. Em relação à sonata que também trabalhou, notei que em termos de percepção da forma da sonata ela facilmente reconhecia a sua estrutura, competência que também trabalhou no projeto.

Para o aluno de 5º grau o que funcionou melhor foram as competências mais avançadas como as transposições e as progressões, notei uma maior evolução também em termos de percepção das obras que estava a tocar; percebia o que se estava a passar isto e ajudou- o a montá-las mais facilmente.

-Na sua opinião qual foi o grau que mais beneficiou com a participação no projeto?

-A aluna de primeiro grau. Esta, embora já tivesse alguns anos de iniciação adquiriu outro tipo de competências que não teria sem o trabalho que desenvolveu no projeto, saiu mais beneficiada em todo o tipo e competências.

-Muito obrigado, professora, pela sua disponibilidade e colaboração

-Obrigada professor pelo trabalho que desenvolveu com os meus alunos.